

Meta elimina checagem de fatos e critica tribunais da America Latina

Meta elimina checagem e critica cortes latinas por derrubarem conteúdos em segredo

Sem citar o Supremo, Mark Zuckerberg, CEO da empresa que controla Facebook, WhatsApp e Instagram, afirma que Donald Trump precisa ajudar a combater o que está sendo feito pelo Judiciário na região

SÃO PAULO A Meta anunciou nesta terça-feira (7) um conjunto de mudanças em suas práticas de moderação de conteúdo que devem pôr fim ao seu programa de checagem de fatos estabelecido em 2016 para conter a disseminação de desinformação em seus aplicativos.

Em vídeo publicado em sua conta no Instagram, o CEO da empresa, Mark Zuckerberg, também atacou "decisões secretas" de tribunais latino-americanos. Sem citar o STF explicitamente, Zuckerberg diz que governo americano precisa ajudar a combater o que está sendo feito pelo Judiciário na região.

"Países da América Latina têm tribunais secretos que podem ordenar que empresas removam conteúdos de forma silenciosa", disse ele (leia a íntegra abaixo).

"Os fact checkers [moderadores] foram muito evasivos e destruíram mais confiança do que criaram, especialmente nos EUA. Vamos nos livrar deles", disse, definindo a eleição de Donald Trump como um ponto de virada para a liberdade de expressão.

A reversão da política de moderação é um sinal de como a empresa está se reposicionando para o novo governo Donald Trump, que toma posse em 20 de janeiro. Zuckerberg tem se aproximado do presidente eleito e indicou apoiadores como Joel Kaplan e Dana White para posições relevantes na empresa.

Em vez de usar organizações de notícias e outros grupos de terceiros, a dona do Facebook, Instagram, Threads e WhatsApp agora dependerá dos usuários para incluir correções ou observações a postagens que possam conter informações falsas ou enganosas.

Mark Zuckerberg, CEO da Meta, disse no vídeo que o novo protocolo é semelhante às Notas da Comunidade adotadas no X (ex-Twitter) após a aquisição da plataforma por Elon Musk.



O CEO da Meta, Mark Zuckerberg, no vídeo em que anunciou mudanças na moderação das plataformas da empresa. Reprodução/@zuck no Instagram.

"É hora de voltar às nossas raízes em torno da livre expressão", disse Zuckerberg, que afirmou que o sistema atual de moderação da empresa "chegou a um ponto em que há muitos erros e muita censura".

Zuckerberg também disse que "as eleições recentes também parecem um ponto de inflexão cultural para novamente priorizar esse discurso".

Joel Kaplan, republicano que a Meta anunciou na semana passada que assumiria o cargo de presidente de assuntos globais no lugar de Nick Clegg, disse à Fox News nesta terça que os moderadores independentes são "muito tendenciosos".

Oversight Board, organização

independente financiada pela Meta para julgar casos de moderação de conteúdo, também defendeu o anúncio, afirmando que os métodos de checagem da empresa têm sido vistos como tendenciosos.

Em comunicado, a Accountable Tech, que defende a responsabilização das big techs pela desinformação, disse que a decisão é "um presente para Donald Trump e extremistas ao redor do mundo". Já a Free Press disse que Zuckerberg está "dizendo sim a mais mentiras, a mais assédio, a mais ódio".

Para o professor da Faculdade de Direito da USP e especialista em direito digital Juliano Maranhão, a mudança deve reduzir investimento e apoio para detecção e reações a conteúdo tido por

Regra permite ligar LGBTs a doença mental

A Meta atualizou ontem suas diretrizes da comunidade para permitir a ligação de transexualidade e homossexualidade a doenças mentais.

O novo trecho aparece na versão em inglês americano das regras da Meta. Não houve mudança na tradução em português, porém a própria empresa informa que "a versão em inglês dos EUA deve ser usada como o documento principal".

Procurada pela Folha, a empresa não respondeu se irá incluir a mudança também nas diretrizes em português.

A OMS retirou a homossexualidade da lista oficial de distúrbios mentais em 1990, e a transexualidade, em 2018.

Em 2019, o STF enquadrava a homofobia e transfobia na lei dos crimes de racismo até que o Congresso aprovasse uma legislação sobre o tema.

desinformativo ou que possa ser considerado ofensivo a honra de pessoas ou mesmo autoridades.

"O mais importante nesse aspecto seria ter transparência em relação aos resultados da atividade de moderação como justificativa para redirecionar esforços, e não sugerir que outros governos fazem exigências ambíguas ideológicas, que seriam voltadas para censura e para atender apenas a interesses políticos ou geopolíticos".

A Abrapij (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) disse em nota que vê com preocupação o anúncio.

Desde que Trump foi eleito, a Meta se moveu rapidamente para tentar melhorar a relação com o político e seus aliados conservadores. No final de novembro, Zuckerberg juntou com Trump em seu clube Mara-Lago, onde também se encontrou com sua escolha para secretário de Estado, Marco Rubio.

A Meta doou US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 6 milhões) em dezembro para a posse de Trump.

A mudança na moderação põe fim a uma prática que a empresa iniciou havia oito anos, após a eleição de Trump em 2016. Na época, o Facebook estava sob pressão por causa da disseminação desenfreada de desinformação em sua rede, incluindo postagens de governos estrangeiros tentando semear discórdia entre o público dos EUA.

Zuckerberg também disse que removerá restrições sobre tópicos como imigração e gênero que estão "fora de sintonia com o discurso dominante" e que usuários voltarão a ver com mais frequência conteúdo sobre política.

O CEO também disse que as equipes de confiança e segurança e moderação de conteúdo serão transferidas da Califórnia para o Texas. Isso "ajudaria a remover a preocupação de que funcionários tendenciosos estejam censurando excessivamente o conteúdo".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 11